

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO
EDUCACIONAL

**CURSO DE FORMAÇÃO ESCOLAR PARA O ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA
DOMÉSTICA**

PRODUTO EDUCACIONAL

Autora do Projeto: Mestranda Marciely Gutierres
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Márcia Paixão

Santa Maria, RS
2025

IDENTIFICAÇÃO

- a) Título do projeto:** Curso de formação para enfrentamento da violência doméstica.
- b) Orientadora do projeto:** Prof^a. Dr^a. Márcia Paixão (UFSM).
- c) Órgãos envolvidos:** Universidade Federal de Santa Maria – PPPG; Grupo de Estudos Feministas Elas; Brigada Militar – Patrulha Maria da Penha; Secretaria Municipal de Educação – Núcleo Fordes (SMED).
- d) Local de execução:** Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Gabriel Bolzan (Rua Ouro Preto, 295, Bairro Camobi, Vila Tonetto - Santa Maria, RS).
- e) Período de execução:** 4 meses
- f) Equipe do projeto:** Grupo de Estudos Feministas Elas da UFSM; Patrulha Maria da Penha – Brigada Militar; Psicanalista Daniela Almeida; Núcleo Fordes; Centro de Referência da Mulher (CRM); Projeto Lions Quest.
- g) Público -alvo:** Docentes e comunidade escolar (crianças, familiares, trabalhadoras de serviços gerais)

1 INTRODUÇÃO

Esta proposta de Produto Educacional faz parte da pesquisa de Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão Educacional da Universidade Federal de Santa Maria, Linha de Pesquisa 2. O trabalho buscou articular os conhecimentos construídos ao longo do curso, trazendo uma proposta de formação para docentes e comunidade escolar da escola da rede municipal de Santa Maria, E. M. E. F. Padre Gabriel Bolzan, local de trabalho da pesquisadora e autora do projeto.

A proposta prevê alguns encontros presenciais e atividades envolvendo a comunidade escolar no enfrentamento da violência doméstica. Dessa forma, o diálogo se estabelece também com a gestão escolar, que pode desempenhar um papel fundamental como rede de apoio às mulheres vítimas da violência. A escolha de trabalhar com este tema se deu pela experiência pessoal da autora com a violência doméstica.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola de Ensino Fundamental Padre Gabriel Bolzan foi criada no ano de 1985, através de um decreto municipal. A doação do terreno para a construção da escola deu-se pelo senhor Alfredo Tonetto, figura de grande destaque na comunidade de Camobi. A escola está situada na Vila Tonetto, Bairro de Camobi, próximo a Base Aérea de Santa Maria. A área total do terreno da escola é de 2.940 m², sendo 242,98 de área construída.

Inicialmente o atendimento educacional da escola priorizou crianças em nível de creche. Posteriormente, ampliou-se o atendimento para outros níveis de ensino. Atualmente, a escola mantém turmas de educação infantil, atendendo o ensino da Pré-escola A e B e do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. No momento, há nove turmas e uma média de 109 estudantes nos dois turnos. A infraestrutura física da escola atende totalmente a demanda de discentes em cada ano letivo. O corpo docente é formado por um grupo de treze professoras, com formação na área da educação, sendo que grande parte desse grupo possui mestrado.

As relações da escola com a comunidade escolar pressupõem sempre responsabilidade e respeito mútuo. Tem-se a participação das mães, pais e responsáveis nos eventos sociais e

educacionais desenvolvidos pela escola, nas tomadas de decisões administrativo-pedagógicas e nos projetos, além de atividades diversas.

A concepção de criança e de seu desenvolvimento adotada pela escola Padre Gabriel Bolzan respalda-se em diferentes áreas do conhecimento, como a Pedagogia, a Psicologia, a Antropologia, a Sociologia, a Filosofia e, mais recentemente, os Estudos Culturais. Assim, o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola tem a função de contribuir para a transformação dos sujeitos e da sociedade, à medida em que valoriza suas características, em termos de história de vida, origem, linguagem, hábitos, costumes, valores e cultura, a fim de que as alunas e os alunos possam vivenciar sua autonomia, criatividade, responsabilidade, criticidade, espírito de cooperação e solidariedade para com as demais pessoas.

O currículo da escola, da Pré-escola ao 5º ano do Ensino Fundamental, está organizado de modo que haja uma integração interdisciplinar entre a aprendizagem por projetos, conhecimentos historicamente construídos e ressignificados a partir da realidade social e o desenvolvimento de habilidades e competências. Esse processo é mediado pelas professoras, através atividades lúdicas, com a finalidade de viabilizar a passagem gradativa de um nível de ensino para o próximo, pois se entende currículo como um processo contínuo, dinâmico e articulado nas diferentes áreas e saberes: o saber conhecer, o saber fazer e o saber ser. O Projeto Político Pedagógico da escola (PPP) apresenta como visão da escola:

Sermos reconhecidos pela excelência do aprendizado, pelo trabalho interdisciplinar e colaborativo que realizamos pela união e criatividade de nossa equipe, respeito aos nossos alunos, pais e comunidade escolar, tornando-se uma escola de referência municipal.

Em relação a missão da escola, nesse mesmo documento, encontramos outra definição muito importante:

Formar um cidadão consciente, solidário e responsável, capaz de fazer escolhas, de valorizar e interagir com a comunidade e o mundo, visando o bem estar social, a preservação do meio ambiente, e a valorização da vida.

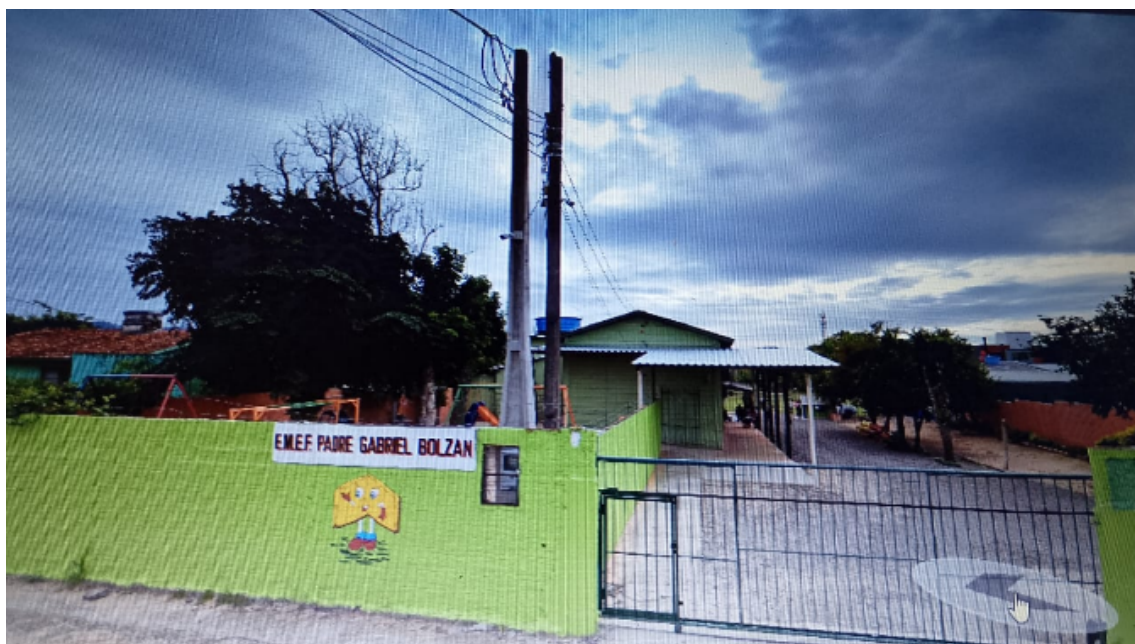
Quanto à aprendizagem discente, a escola está sempre buscando melhorar os índices de ensino e aprendizagem, buscando aperfeiçoamento, formação e atualização das professoras e demais integrantes da escola. A escola solicita sempre, com muita ênfase, o acompanhamento e

comprometimento das mães, pais e responsáveis em relação às atividades e tarefas diárias das crianças. Busca-se também, através de projetos, mais envolvimento e participação ativa da família na educação quanto aos limites, indispensáveis à convivência social, e valores éticos e morais.

Com relação a concepção de Gestão Escolar, encontramos também no PPP da escola que esta tem assegurado pela LDB 9394/96 a necessária autonomia pedagógica/administrativa e financeira para gerir o ensino por ela ofertado. A partir de 2004, o Sistema Municipal de Ensino de Santa Maria instituiu a Lei da Gestão Escolar Democrática em atendimento à LDB. A referida Lei de Gestão contempla as autonomias pedagógica, administrativa e financeira, a criação do Programa de Desenvolvimento da Autonomia Escolar (PRODAE), a constituição dos Conselhos Escolares e processo de eleição dos(as) diretores(as) e vice-diretores(as) das escolas municipais.

A escola é uma instituição muito receptiva e conhecida pela comunidade escolar por um lugar diferenciado dentro do bairro, no qual as crianças gostam de ser e estar, além de ser um espaço onde acontecem vínculos, amizades e aprendizados entre pessoas adultas e crianças de forma significativa.

Imagem via satélite da Escola Gabriel Bolzan vista de frente



Fonte: Google Maps, 2025.

3 METODOLOGIA

O curso de formação, como produto final, intitula-se “Curso de Formação para Enfrentamento da Violência Doméstica”. É na tentativa de um diálogo com profissionais da educação, na troca de conhecimento entre diferentes áreas e através dos encontros, que o curso surge com o objetivo geral de fortalecer a perspectiva de combate à violência doméstica a partir da rede de apoio dentro da escola. O curso também pode ser aplicado em outras escolas que manifestem o interesse.

Esta formação busca dialogar e conhecer o que está sendo oportunizado através da Secretaria Municipal de Ensino de Santa Maria (SMED) no que se refere ao enfrentamento da violência doméstica. Além disso, busca aprofundar por meio das reflexões e encontros com docentes e com a comunidade escolar, incluindo familiares, os conceitos de feminismo trazendo para os debates referenciais teóricos que fornecem subsídios para a construção do conhecimento.

3.1 APORTE TEÓRICO

A violência contra as mulheres, como um fenômeno complexo de ser analisado, é abordada sob o ponto de vista de muitas teóricas feministas, dentre elas, Heleieth Saffioti faz um diálogo importante acerca da dominação dos homens sobre as mulheres, a dominação do patriarcado. A primeira edição de uma de suas principais obras intitulada “Gênero, patriarcado e violência”, foi lançada em março de 2004 e traz dados relevantes sobre a questão da violência contra as mulheres, se referindo aos anos 1990 e início dos anos 2000. A autora traz uma leitura sobre a luta de classes, as questões de gênero e sua relação com o patriarcado. Saffioti era uma socióloga que buscava compreender os fenômenos sociais ocultos envolvendo a violência e acreditava na emancipação das mulheres. Para ela, gênero diz respeito às representações do masculino e do feminino, a imagens construídas pela sociedade (Saffioti, 2015, p. 124). Gênero não significa necessariamente desigualdade entre homens e mulheres, mas sim uma categoria geral, enquanto o patriarcado é mais específico de determinado período.

A violência de gênero, familiar e doméstica deriva de uma organização social de gênero que privilegia o masculino. Para a autora, o patriarcado não atinge apenas uma família, ele atravessa a sociedade como um todo. A violência intrafamiliar é toda ação ou omissão que

prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de integrantes da família. Pode ser cometida dentro ou fora de casa por algum membro da família, incluindo pessoas que passam a assumir função parental, ainda que sem laços de consanguinidade e em relação de poder à outra. Diante disso, uma estrutura de “poder e dominação” são os alicerces de atos de dominação exercidos pelos homens sobre as mulheres, resultando em muitos atos violentos, construídos ao longo da história e que ainda são desafios atuais a serem enfrentados através das políticas públicas e do compromisso enquanto sociedade.

Uma outra autora que aborda através das pesquisas e estudos feministas a questão do patriarcado, é a feminista bell hooks, uma feminista negra, norte-americana, e que há mais de 40 anos luta através do movimento feminista como uma forma de manifesto em prol da justiça social. Para ela, a violência doméstica é resultado do sexismo. Por isso é necessário estudar e pensar em uma maior “conscientização crítica e social”, na qual se exija pensar nas questões de gênero e desconstruir conceitos ainda fortemente enraizados na sociedade, os quais fazem muitas mulheres vítimas dentro de suas próprias casas. Para a autora, um dos caminhos para despertar essa consciência é através do feminismo, defendido e conceituado por ela como:

Um movimento capaz de acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão. O movimento não tem a ver com ser “anti-homem”. O problema é o sexismo! Todos nós somos educados, homens e mulheres, socialmente desde o nascimento para aceitar pensamentos e ações sexistas. Até despertarmos para uma consciência crítica, questionando as origens das nossas próprias convicções enraizadas (hooks, 2018, pg. 96).

A maneira como meninos e meninas recebem educação reflete e perpetua as desigualdades de gênero e a violência. A feminista e escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2015) aponta que muitos homens não reconhecem as questões de gênero, o que contribui para a manutenção de desigualdades e violências direcionadas contra mulheres e meninas. Essa falta de percepção pode consolidar a violência doméstica, uma vez que essas violências geralmente afetam as pessoas com menos poder e voz na sociedade.

Joan Scott (1995) define gênero como “um elemento constitutivo de relações baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”. Essa definição destaca como o gênero, muitas vezes, é construído por normas sexistas que influenciam a educação de meninos e meninas. Por exemplo, enquanto os meninos são ensinados a não chorar e a mostrar força, as meninas são encorajadas a serem amáveis, dóceis e obedientes. Esse processo educacional perpetua estereótipos e

expectativas prejudiciais, que podem contribuir para a formação de homens incapazes de lidar com emoções e mulheres que internalizam submissão. bell hooks (2021) ressalta que quando meninos pequenos são ensinados a esconder suas emoções e a serem duros, eles acabam mascarando seus verdadeiros sentimentos. Essa repressão emocional pode levar a dificuldades em lidar com perdas, frustrações e relacionamentos no futuro, além de contribuir para padrões de comportamento agressivos.

Diante dessas questões, se fazem necessárias pesquisas que aprofundem a compreensão sobre como a educação pode enfrentar e reduzir a violência. Neste sentido, a educação deve promover uma reflexão crítica sobre as normas de gênero e trabalhar para desconstruir os estereótipos que perpetuam a desigualdade e a violência. Investir em uma abordagem educativa que valorize a expressão emocional saudável e o respeito mútuo pode ajudar a criar uma sociedade mais justa e menos violenta, pois:

A escola é um espaço significativo para a formação das pessoas. Nela se constroem e se firmam compreensões de culturas, de epistemologias, de comportamentos, de mundos. Ou se projetam mundos solidários, participativos, democráticos, possibilitando às pessoas o direito de pensar, refletir e decidir, ou se educa projetando mundos, nos quais as pessoas são educadas para manter a hegemonia cultural de uma classe econômica abastada, branca, masculina, eurocêntrica. (Guadamin, 2021, p. 100).

A escola desempenha um papel crucial na formação de valores e comportamentos desde a infância. Em um mundo cada vez mais diverso, é fundamental que as instituições educacionais abordem temas transversais, como inclusão e respeito às diferenças, para promover uma cultura de paz e equidade. De acordo com Eliane Graupe (p. 389-410, 2014), a "pedagogia da equidade" é essencial para enfrentar as lutas em prol das diversidades e minorias. Essa abordagem educacional vai além da mera aplicação de regras e se baseia em um processo individual e coletivo que envolve a razão, a vontade política, o desejo e a subjetividade de todas as pessoas envolvidas. A pedagogia da equidade visa criar um ambiente escolar que reconheça e valorize as diferenças, promovendo uma cultura de respeito e igualdade. A implementação da pedagogia da equidade nas escolas deve começar desde cedo.

É preciso que os valores de respeito e inclusão sejam integrados ao currículo e às práticas pedagógicas desde a educação infantil. Ao abordar a diversidade e promover a equidade, a escola não apenas contribui para a formação de seres humanos mais conscientes e respeitosos(as), mas também desempenha um papel importante no enfrentamento de diversas formas de violência,

incluindo a violência doméstica. Trabalhar com temas como gênero, relações saudáveis e respeito às diferenças pode ajudar a prevenir a violência ao construir uma base sólida de empatia e compreensão. Quando a educação promove a equidade e o respeito, contribui para dismantelar os estereótipos e normas prejudiciais que perpetuam a violência e a desigualdade.

Em suma, a abordagem educativa que incorpora a pedagogia da equidade é fundamental para criar um ambiente escolar que apoie o desenvolvimento integral de estudantes, contribuindo para o enfrentamento de diversas formas de violência. Investir na formação de uma cultura de respeito e inclusão nas escolas é um passo essencial para construir uma sociedade mais justa e pacífica.

3.2 ENCONTROS

O curso de formação abrange o período de um semestre letivo, com a duração de 30h e acontecerá de modo híbrido: dois encontros presenciais quinzenais e um encontro assíncrono. No cronograma previsto para o desenvolvimento do curso de formação, há seis encontros previstos. Todos os encontros acontecerão em sábados letivos, com duração de duas horas, com a seguinte organização:

Encontro 1: Apresentação

Público: Equipe gestora (direção, vice direção e coordenação da escola).

Coordenação: Marciely Gutierrez de Oliveira.

- Apresentação da temática do curso;
- Dinâmica de apresentação: Roda de música e apresentação dos(as) participantes;
- Vídeo introdutório para conceitos iniciais: Historicizando Gênero e Feminismo (Vídeo do módulo II do curso do Observatório de Direitos Humanos da UFSM);
- Roda de conversa sobre as impressões do vídeo;
- Powerpoint com destaques teóricos do tema (gênero, patriarcado, feminismo);

Encontro 2: Lei Maria da Penha

Público: Docentes e trabalhadoras de serviços gerais da escola; responsáveis que queiram

participar.

Coordenação: Marciely Gutierres de Oliveira.

- Apresentação da Lei Maria da Penha;
- Dinâmica de integração: lanche coletivo;
- Temática coordenada pela Patrulha Maria da Penha;
- Roda de conversa sobre experiências do grupo.

Encontro 3: Palestra – “Os impactos da violência doméstica no aprendizado das crianças”

Público: Comunidade escolar (docentes, crianças, familiares, trabalhadoras de serviços gerais).

Coordenação: Marciely Gutierres de Oliveira e Danila Almeida.

Neste encontro, teremos a assessoria técnica da psicóloga Daniela Almeida, que trabalhará com a temática da violência contra mulher e os impactos da violência doméstica na vida das crianças.

Encontro 4: Semana de prevenção à violência doméstica

Público: Docentes e turmas de educação infantil, até os anos iniciais do ensino fundamental.

Coordenação: Marciely Gutierres de Oliveira.

Com as turmas da educação infantil (pré A e B) o enfoque sugerido é adaptado à faixa etária das crianças. Para isso, será utilizado como recurso dois vídeos que podem ser encontrados no Youtube:

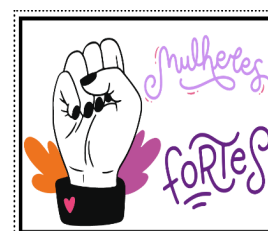
Vídeo 1 : Juntos pela igualdade – <https://www.youtube.com/watch?v=2isk3dvvlyk&t=127s>



Vídeo 2: Simplesmente mulher – <https://www.youtube.com/watch?v=awhsjyigrn>



Após os vídeos, as crianças são convidadas a desenvolverem uma atividade de pintura em tecido, como registro lúdico dos desafios da temática debatida, conforme os exemplos a seguir:



Com as turmas de alfabetização, 1º ano A e 1º ano B, o tema será trabalhado a partir da literatura infantil que as crianças já estão familiarizadas, através de contos clássicos. Após a história retomada, a professora deve desafiar a turma a criar uma nova versão para a história,

incentivando as crianças a pensarem juntas sobre alguns pontos específicos relacionados à temática em questão.



Com as turmas de 3º e 4º anos da escola, iremos trabalhar por meio da informática educativa e em sala de aula. Por meio de jogos digitais, a turma será desafiada a jogar alguns jogos relacionados ao tema da violência doméstica na sala de informática, tais como:

Jogo 1: Caixa de Pandora

Por se tratar de um problema complexo, observou-se que os domínios do aprendizado a serem tratados no jogo incluem tanto a parte cognitiva quanto afetiva. Outra característica importante a se destacar sobre o jogo, é a sua abordagem construtivista do problema. Assim, o jogo convida a pessoa que o joga a refletir sobre o problema a partir da experiência de vida de Marta, uma mulher vítima da violência por seu companheiro, que busca o serviço de saúde. O jogo é composto por três fases: a infância de Marta, a vida adulta de Marta e a busca de Marta por atendimento em saúde.



Link para acessar o jogo: <http://www.de.ufpb.br/~labteve/projetos/pandoramob.html>
Jogo 2: Quiz sobre a violência contra a mulher

É o tipo de agressão que inclui qualquer forma de desprezo, preconceito, humilhação, agressividade, restrição de liberdade. Qual o tipo de violência?



Links para acessar o jogo: <https://wordwall.net/pt/resource/56300026>
<https://wordwall.net/pt/resource/17910009>

Ao longo da semana, as turmas também trabalharão com outras histórias em sala de aula, a partir de contação de história e momentos de roda de conversa integrando as duas turmas. A primeira história acompanha um jogo, no qual faremos com as turmas dos maiores, o jogo se chama:



Inicialmente, as turmas ouvirão a história que será projetada e contada por uma professora. Em seguida, as crianças serão desafiadas a jogarem os cards que acompanham a história e que trazem questionamentos que podem gerar debates e reflexão. Para que isso aconteça, todos os cards são colocados dentro de uma caixa que deve circular entre a turma enquanto uma música tocar. Quem estiver com a caixa na mão quando a música parar deverá ler o card e responder o que pensa sobre. As perguntas abordam situações do cotidiano e de como proceder diante de alguns acontecimentos relacionados ao cuidado com o corpo, intimidade, abuso, entre outros. O jogo é destinado à faixa etária maior de sete anos.

Para a turma de 5º ano da escola, de maior faixa etária, propomos um trabalho de artes envolvendo a análise das letras de músicas que circulam na atualidade e trazem representações machistas, com uma visão da figura da mulher que precisa ser analisada. Para isso, a professora da turma irá colocar o vídeo da música com a letra e propor uma reflexão, que poderá ser formulada em pequenos grupos e registradas as suas percepções em cartazes. As músicas

analisadas tem como tema principal situações em que homens manifestam a necessidade da submissão feminina.

Música 1: Vidinha de Balada (Henrique e Juliano)

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=1FhDz4e2wEo>

Letra:

Oi, tudo bem?

Que bom te ver

A gente ficou, coração gostou não deu pra esquecer

Desculpe a visita, eu só vim te falar

'Tô afim de você e se não tiver 'cê vai ter que ficar

Eu vim acabar com essa sua vidinha de balada

E dar outro gosto pra essa sua boca de ressaca

Vai namorar comigo sim

Vai por mim igual nós dois não tem

Se reclamar 'cê vai casar também, com comunhão de bens

Seu coração é meu e o meu é seu também

(...)

Esta é a terceira música mais ouvida no *Spotify*, o que indica sua popularidade e que, provavelmente, boa parte das crianças já teve contato com ela. A música em questão nos permite uma análise acerca da tentativa de “romantizar” os abusos, muito enfatizada em músicas do estilo sertanejo. Diante disso, propomos uma nova versão para a música, reescrevendo a versão de forma contextualizada com a temática. Para isso, a professora responsável pela turma poderá trabalhar através das paródias, com uma nova versão criada através do protagonismo da turma, que poderá ser divulgada para a escola por meio de cartazes, apresentações ou vídeos.

Música 2: Ajoelha e chora (Grupo Tchê Garotos)

Link: <https://youtu.be/Vx606Q9B85Y?si=nrUbjYYu-SC6mB5->

Letra:

Agora tu vai ver, 'marvada
 Tava cansado de me fazer de bonzinho
 Te chamando de benzinho de amor e de patroa
 Esta 'marvada me usava e me esnobava
 E judiava muito da minha pessoa
 Endureci 'resorvi bancá o machão
 Ai ficou bem bom agora é do meu jeito
 De hoje em diante sempre que eu te chamar
 Acho bom tu 'ajoeiá e me tratá com respeito
 Ajoelha e chora ajoelha e chora
 Quanto mais eu passo o laço, muito mais ela me adora
 (...)
 Mas o efeito do remédio que eu dei
 Foi melhor do que eu pensei, ela faz o que eu quiser
 Me lava a roupa, lava os pratos e cuida os filhos
 Anda nos trilhos, 'garrô preço essa muié
 Faz cafuné, me abraça com carinho
 Me chama de docinho, comecei me preocupar
 Eu tô achando que esta mulher danada
 Ficou mal acostumada e tá gostando de apanhar
 (...)

A escolha dessa música se deu pelo fato de ser uma música tradicionalista, muito tocada em festas gauchescas e cantada por muitas pessoas, inclusive por alguns alunos e alunas que frequentam Centros de Tradições Gaúchas (CTG), mas que apresenta algumas formas de violência em sua letra. Após a escuta das músicas o grupo é convidado a refletir sobre como a mulher é vista na letra, identificando nela os tipos de violência. A turma também será desafiada a falar sobre o machismo e a violência contra as mulheres. Após essa reflexão, o grupo estará

convidado a usar cartazes com frases de impacto para colar pela escola sobre essa questão na sociedade.

Música 3: Ciumento eu (Henrique e Diego)

Link: <https://youtu.be/aUgl40q0jo8?si=7cHCSFTkLkdDmv16>

Letra:

E tá pra nascer
Alguém mais cuidadoso e apaixonado do que eu
Ciumento eu
E o que é que eu vou fazer
Se eu não cuidar, quem vai cuidar do que é meu?
Ciumento eu
Melhor falar baixinho, senão vão te roubar de mim!
Ciúme não
Excesso de cuidado
Repara não
Se eu não saio do seu lado
Tem uma câmera no canto do seu quarto
Um gravador de som dentro do carro
E não me leve a mal
Se eu destravar seu celular com sua digital
Eu não sei dividir o doce
Ninguém entende o meu descontrole
Eu sou assim não é de hoje

Após ouvir a música, o grupo será convidado a fazer uma reflexão sobre a letra e uma produção textual com o tema da violência doméstica.

Música 4: Litraão (Mateus e Kauan)

Link: <https://youtu.be/DfdN9tII0kw?si=76CLv5sedF2jjbt3>

Letra:

Não sou de fazer ameaça, mas seu beijo vai ter volta
 Não 'to querendo te apressar, mas minha vida já 'tá pronta
 Tira uma selfie comigo, depois eu te mostro
 Eu ainda vou namorar com essa moça da foto
 Eu tenho certeza, vai ser de primeira
 Se a gente ficar, é menos uma solteira nesse mundo
 E menos um vagabundo!
 Você decide, a minha boca ou a do litrão
 'Cê quer dançar comigo ou descer até o chão, sozinha?
 Você quer ser da bagaceira ou quer ser minha?
 Você decide, a minha boca ou a do litrão
 'Cê quer dançar comigo ou descer até o chão, sozinha?
 Você quer ser da bagaceira ou quer ser minha?
 'Tá na sua mão
 Vai escolher amanhecer na farra ou no meu colchão?
 Eu tenho certeza, vai ser de primeira
 Se a gente ficar, é menos uma solteira nesse mundo
 E menos um vagabundo!
 Você decide, a minha boca ou a do litrão
 'Cê quer dançar comigo ou descer até o chão, sozinha?
 Você quer ser da bagaceira ou quer ser minha?

Após ouvir a música, o grupo será desafiado a criar “plaquinhas” de conscientização, desconstruindo as formas de violência e submissão que são retratadas e impostas às mulheres.

Música 5: Por causa de você (KellyKy)

Link: <https://youtu.be/7OsK2bB7cos?si=3YVll2j4NBqPoUaf>

Letra:

Por causa de você, não uso mais batom
 Rasguei meu short curto, diminuí meu tom
 Troquei os meus amigos por alguém que só me arrasa
 Por causa de você, não posso mais entrar em casa
 Por causa de você, perdi minha liberdade
 Te entreguei minha vida, só fiz tua vontade
 Briguei com o mundo, larguei tudo, eu não olhei pra trás
 E agora vem você me dizendo que não quer mais
 É ou não é pra chorar?
 É ou não é pra... diz você
 É ou não é pra chorar?
 Quando alguém não sabe amar
 É ou não é pra chorar?
 É ou não é pra... diz você
 É ou não é pra chorar?
 E se coloca em meu lugar
 O que é o amor? Eu não sei
 sinceramente, já pensei
 Sinceramente, eu não sei
 Pra que tem o coração?
 O que é o amor? Eu não sei
 Sinceramente, já pensei
 Sinceramente, eu não sei
 Pra que tem o coração?

Após a escuta da música, o grupo será desafiado a pensar quais as formas de violência são apresentadas na música. O grupo poderá criar um desenho ou uma história em quadrinhos sobre o tema.

Encontro 5: Roda de conversa sobre a violência doméstica e Cine Pipoca com famílias

Público: Comunidade escolar (docentes, crianças, familiares, trabalhadoras de serviços gerais).

Coordenação: Marciely Gutierrez de Oliveira.

Nesse dia, haverá grupos outros convidados: Grupo de Estudos Feministas ELAS – UFSM e Centro de Referência da Mulher – CRM, que trabalharão com a temática violência contra a mulher a partir do referencial dos estudos feministas. Como dinâmica, será organizado uma “caixinha de perguntas” onde as famílias poderão trazer os seus questionamentos. Ao final das falas, o grupo terá um espaço para fazer perguntas ou comentários que gostariam de compartilhar.

O cenário será organizado de maneira informal, com almofadas e pipocas. Caso haja crianças, iremos propor um outro espaço para elas com outro filme, enquanto os adultos assistirão o filme proposto em sala separada. A proposta é exibir “Maid”, uma minissérie dramática da Netflix, lançada em 2021, baseada no livro de memórias de Stephanie Land. A série conta a história de uma jovem mãe que foge de um relacionamento abusivo e luta para sustentar a filha, enfrentando um caos por conta do abuso psicológico, violência doméstica e o alcoolismo familiar.

Encontro 6: Encerramento das atividades – Buzinação Delas e Caminhada pela Paz

Público: Comunidade escolar (docentes, crianças, familiares, trabalhadoras de serviços gerais).

Coordenação: Marciely Gutierrez, Grupo ELAS e Patrulha Maria da Penha.

- Roteiro:

- 1) Recepção das famílias com cartazes produzidos por estudantes durante a semana de prevenção a violência doméstica. Também serão disponibilizados materiais para a construção de cartazes para a conscientização e mobilização juntamente com familiares na escola.
- 2) Caminhada pela paz: Todas as pessoas presentes farão uma caminhada ao redor da escola, segurando os cartazes. Aquelas que estiverem com carros, poderão enfeitá-los com balões e faixas com frases de conscientização e serão convidadas a participarem da caminhada com o “buzinação”, chamando atenção para a comunidade escolar.

Como forma de encerramento do projeto, a ideia principal é mobilizar a comunidade com o ato de manifestação e conscientização sobre a violência contra a mulher. Nesse dia, todas as pessoas que participaram das atividades do projeto serão convidadas a se juntar ao ato.

A proposta do Curso também se dará através da construção de um e-book digital, em parceria com a informática educativa da escola, onde apresentará a Lei Maria da Penha e os registros fotográficos das ações desenvolvidas pela escola, como documento pedagógico de

consulta das escolas municipais de Santa Maria. Além disso, contará também com a indicação de outras legislações básicas sobre o tema, indicação de leituras, vídeos, músicas e registros fotográficos do evento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Lei Maria da Penha. Brasília, DF: Senado Federal. 2006.

GOOGLE, INC. Google Maps. Disponível em:
<https://www.google.com.br/maps/place/Escola+Municipal+de+Ensino+Fundamental+P+adre+Gabriel+Bolzan/@-29.7049913>

WORDWALL. Quiz Violência Doméstica. Disponível em:
<https://wordwall.net/pt/resource/56300026>

YOUTUBE. Disponível em: <https://www.youtube.com/>